

Pedro Costa e Victor Erice: diálogos no Nimas à entrada de um mundo desaparecido

Vasco Câmara

Um está condenado ao exílio interior, o outro encontrou a sua comunidade.

Encontraram-se no Leffest

Separa-os a idade: Victor Erice tem 83 anos, Pedro Costa tem 64. Sugeriu Victor outra diferença: que o peso da filosofia que tem tendência a transportar costuma ser aligeirado por Pedro nas conversas que ambos vêm mantendo – têm-se apresentado sob esse formato em feiras e outras festividades, brincou Pedro. Une-os uma mesma condição de uma orfandade original, sendo como são, o espanhol e o português, cineastas do país de “Don Luis Buñuel” e de “Don Manoel de Oliveira”. Mas, e essa é uma diferença essencial, Pedro Costa terá conseguido “encontrar o seu lugar e a sua gente, entre os humilhados e ofendidos, projectando a ideia de comunidade”, disse Victor Erice. Não precisou de sublinhar mais o lugar de onde falava, o da solidão. “Isso eu não encontrei, estando obrigado a uma certa solidão, a um certo exílio interior.”

Este encontro entre os dois, anteontem à noite, no cinema Nimas, em Lisboa – sala esgotada –, foi promovido pelo Leffest, festival de cinema de Lisboa. O final de tarde começou por ser de Pedro Costa quando, no âmbito de um ciclo que o festival lhe dedica, foi exibida em Portugal a curta *As Filhas do Fogo*, estreada em Maio, no Festival de Cannes: um transbordante tríptico de coro gospel, por Elizabeth Pinard, Alice Costa e Karina Gomes, que suplicam pela vida, com os Músicos do Tejo de Marcos Magalhães.

A partir de um espectáculo multidisciplinar que o grupo apresentara, em 2016, na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, o filme é uma experiência que não chega aos dez minutos de duração, mas testa o trabalho com “o rigor” e também mede o seu “perigo”, porque nos pode projectar sem meias medidas, da música. Pedro Costa promete mais e mais longo musical a seguir.

A estreia fez-se na companhia de *Filme anúncio do filme ‘Drôles de Guerres’*, de Godard (1930-2022), que contém as marcas, de impossível decifração, do que seria o projecto seguinte do cineasta, já não realizado, e de *Introduction à la ‘Musique d’accompagnement pour une scène de film’ d’Arnold Schoenberg* (1972), de Jean-Marie Straub. Viva a comunidade de

afectos! E no mesmo momento fez-se o lançamento da tradução portuguesa, assinada por Maria João Madeira, de *Pedro Costa. Os Quartos do Cineasta*, de Jacques Rancière (Relógio D’Água), a filosofia!

É um livro em três capítulos: uma conversa com Cyril Neyratt à volta de momentos dos trabalhos do cineasta; os debates entre o filósofo francês e o cineasta português no Museu Reina Sofia de Madrid, no Instituto Francês de Barcelona e em Lille; e cinco artigos que Rancière dedicou ao realizador – por exemplo, quando ensaiou sobre a forma como a política se inscreve no seu cinema “sem preocupação explicativa ou mobilizadora”; sobre o seu estilo, reunião de palavras e gestos, a textura do filme, num espaço confinado, os tais “quartos” de Pedro Costa; a desconstrução da acusação de que estetiza a miséria; ou, ainda como exemplo, a possibilidade de se começar a olhar para *Vitalina Varela* (2019) a partir da sua estrutura clássica, hollywoodiana.

Actos de resistência

E depois subiu ao palco Victor Erice, ele que tem em competição no Leffest *Cerrar los Ojos*, o filme que deu que falar em Cannes quando, por não ter sido seleccionado para o concurso, motivou uma carta do realizador, nas páginas do diário espanhol *El País*, a Thierry Frémaux, director artístico do festival francês. Dizia Erice que o

argumento, avançado pela equipa de seleccionadores, de que *Cerrar los Ojos*, o seu regresso à longa-metragem depois de *O Sol do Marmeleiro* (1992), lhes fora apresentado em versão incompleta e por isso não pôde ser considerado, não era verdadeiro, porque se não estava pronto para a competição não estaria pronto para outra qualquer secção. Do que se queixava Erice, no entanto, era do facto de a decisão lhe ter sido comunicada no momento já irreversível em que Cannes anunciou a programação, não permitindo que ponderasse outros festivais ou outras ofertas.

Mas não foi disso que Erice falou no Nimas. Nem do seu filme, até porque está em competição no festival de Lisboa, que decorre até dia 19. Não havia programa para a conversa, aliás, eles que se desenvencilhassem, pareceu incitar o director do festival, Paulo Branco. Foi aí que Costa começou por contar que sempre que se encontram acham que não têm nada para dizer, mas, como um duo bem rotinado, acabam por fazer o seu número – que se confronta sempre com o peso da História do cinema. É isso o que o cinema hoje mostra em *background*: o passado. Afortunadas as cinematografias marginais que lhe escapam, à cinefilia.

O ecrã excede-os atrás deles, portanto, aponta Erice. É a única coisa que se mantém igual desde os Lumières. Tudo o resto mudou. Recordou

as suas conversas com Abbas Kiarostami, “que não era um cinéfilo”. As trocas com Pedro Costa são diferentes. O espanhol fala-lhe, contou o português, “de como se tenta libertar de algumas coisas da indústria, que lhe prendem os gestos, é uma luta mais difícil”. E é verdade que *Cerrar los Ojos*, que se estreia a 7 de Dezembro, arrasta a velhice do cinema e sinais contraditórios da condição industrial actual, e isso não apenas por ter sido rodado em película e em digital.

“Eu”, continuou Costa – e passado que foi o momento de crise por alturas de *Casa de Lava* (1994) e de *Ossos* (1997), em que precisou de se reinventar longe do “barulho, do ruído” de fazer filmes –, “encontrei uma maneira de organizar, de produzir, que me convém, uma adequação entre o que está atrás e à frente da câmara.” E que não é cindido, pelo contrário, pela intervenção do objecto digital. As várias fases de uma rodagem foram queimadas: preparar um filme é também já “estar lá, fazer,

poder experimentar, poder abandonar coisas”.

Perante a implosão da crítica e o desaparecimento das suas figuras tutelares, o espanhol agarrou-se a alguns dos seus colegas, que passaram a ser as suas referências, e Costa é uma delas. Inveja-lhe o mérito de, no Bairro das Fontainhas, ter encontrado o seu lugar e as suas gentes. E essa possibilidade “de unir o cinema e a vida” foi a refundação de uma expressão comunitária que no passado deu ao mundo a Hollywood dos anos 30, o neo-realismo italiano, a *nouvelle vague*. “Nós, os que não encontramos um lugar, estamos obrigados a um exílio interior.” Mas essa foi também a condição do Manoel de Oliveira a seguir a *Aniki Bobó* (1942), “até retomar o cinema como prática constante”, e de Luis Buñuel, com o seu “exílio radical, abandonando Espanha com a Guerra Civil”.

Erice conheceu Buñuel, passou algum tempo na rodagem de *Bela do Dia* (1967), e esse é ainda um exemplo que o alimenta, porque *Don Luis* filmava apenas com uma câmara e com ela encontrava o “ponto de vista perfeito”. Mas no presente que é o da indústria audiovisual – em que a imagem perdeu realidade, um realizador é um retransmissor de conteúdos, a pós-produção uma solução final sem ética ou esforço, e o grande ecrã se estilhou em pequenas janelas que mudaram a natureza do lugar do espectador –, o cineasta espanhol não deixa que o pessimismo da inteligência tolha o optimismo da vontade. Há sempre o perigo, conclui, num mundo em que basta mudar uma imagem para se pensar que se mudou a realidade, “de esse mundo ficar tal como está, protegido de algo que é intrínseco ao gesto criativo: a resistência”.

Pedro Costa, mais pacificado porque encontrou o seu refúgio, ou apenas mais silencioso por pudor perante a filosofia, concorda. Não abdicou de resistir, protegendo a intimidade no grande ecrã. Vamos encontrá-los de novo juntos, em Janeiro de 2024, quando se reunirem nas salas portuguesas, distribuídos pela Midas Filmes, *As Filhas do Fogo*, *Filme anúncio do filme ‘Drôle de Guerres’*, de Godard, e *La Morte Rouge* (2006), estupenda convocação, por Erice, dos seus fantasmas: um cinema-casino desaparecido em San Sebastián, um filme que viu aos cinco anos... Uma *ghost story*.

Ainda que o mundo os separasse, Pedro Costa e Victor Erice teriam sempre entre eles o maior de todos, Charlie Chaplin.

O ecrã excede-os atrás deles, aponta Erice. É a única coisa que se mantém igual desde os Lumières

RUI GAUDÊNCIO



Sala esgotada para ouvir Victor Erice e Pedro Costa no festival dirigido por Paulo Branco